



A FAMÍLIA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS E MÃES NO COTIDIANO ESCOLAR DAS CRIANÇAS

Autor : Livia da Silveira Ribeiro Brandão; Co-autor (Angélica Almeida e Silva); Co-autor (Aridelson Joabson Almeida de Oliveira);

Universidade Estadual da Paraíba, livia_srb@hotmail.com

Resumo: O Objetivo desse estudo é investigar como ocorre a participação dos pais da vida escolar dos filhos e o grau de interesse por parte deles. Temas referentes à relação família – escola vem ganhando espaço nos estudos acadêmicos, dado o seu caráter crítico no processo educativo e que refuta no contexto múltiplo da vida social. Sabe-se que é nos três primeiros anos de vida que a criança começa a se perceber e realizar os primeiros contatos com os outros, tendo início assim o processo de formação da identidade da mesma, construindo seus valores, e esses são fundamentados principalmente no ambiente familiar e em outras experiências externas. Notadamente observa-se que é devido a uma série de transformações existentes no tecido social contemporâneo que a relação família, criança, escola, tem apresentado uma nova dinâmica, visto que as mudanças correntes no seio familiar tem subtraído parcialmente o tempo em que pais e filhos compartilham momentos juntos. Esta realidade pode ser vista em reuniões de pais, e outros eventos que se passam no interior da escola, nos quais percebemos o pouco interesse com que alguns pais lidam com as questões escolares das crianças. Entretanto, embora a escola tenha absorvido cada vez mais a função no processo de formação da criança, existe uma preocupação acerca do acompanhamento dos pais na vida escolar das crianças. Os resultados apontaram que os pais parecem conceber aquilo que a escola percebe, no entanto os mesmos mostraram críticas e dificuldades em cumprir o que se esperam deles.

Palavras-chave: Família, Desenvolvimento Escolar, Acompanhamento, Sujeito, Processo Educativo

Introdução

É corrente que as sociedades passam por períodos de maior ou menor transformação, pois elas são passivas de mudanças constantemente, e que isso tem impactos no contexto da vida do individuo e da coletividade, permitindo a própria sociedade apresentar características de instituições que nasceram nos primórdios dela em meio a modelos ditos modernos. As mudanças e o tempo são, portanto, dois fatores importantes para a compreensão dos modelos sociais das instituições educacionais e das famílias que temos nos dias atuais. Ao longo do tempo, esses modelos realizam percursos, mudando suas marcas nos espaços vividos, atestando que somos sujeitos em desenvolvimento constante e que nossas relações possibilitam sempre uma obra inacabada, onde quando vamos analisar nos obriga a mergulhar nos recortes ora mais abrangentes, ora mais específicos.



Observar-se que dentro do âmbito familiar, a relação entre os seres possui um movimento incessante de somas, subtrações e permutas, tendo esta entre os indivíduos como produto essencial desta construção.

Assim, a família é uma instituição formada de momentos históricos, de construções e reconstruções diversas de aprendizado, sentimentos, valores resultantes numa cultura significativa e singular, peculiar a cada quatro paredes que estes se inserem. Longe de possuir um caráter estático, as relações familiares se mostram com um dinamismo invejável anexando suas marcas..

As emoções, as histórias, os desentendimentos, as afinidades e desavensas, entre outros elementos, possuem valores que transpõem a finalidade para a qual foram constituídos, e com o decorrer do tempo permite mostrar a variância de suas vivências. Sendo assim, o entendimento dos emaranhados que perpassam a problemática aqui mencionada, não pode existir sem a compreensão da funcionalidade e do valor que é dado aos seus significados herdados.

Nesses dias, é viável afirmar que alguma coisa mudou, que alguns valores que antes eram importantes para que a constituição familiar fosse algo intocável, desaparece aos poucos nas cortinas dos palcos das escolas modernas. Ferry (2010) atesta que “é verdade, que o século passado dedicou-se a “desconstrução” das tradições, assim como a elevação potencial do individualismo – as duas caminham juntas -, mas falta compreender o porquê.” (FERRY,2010,p.16)

Podemos destacar dentro dessa pergunta crucial a velocidade da globalização nos dias atuais, onde buscamos o melhor, independente de tempo, e de cansaço, buscamos o melhor emprego, o melhor aparelho telefônico, a melhor escola, a melhor roupa. E é nesse cenário que se apresenta um maciço ajuntamento de atividades, acentuando um maior descaso nos valores familiares antes adquiridos..

Dada a posição relevante que assume, Capelatto (1999) diz que: “ a família pode ser de extrema importância e suficiência para uma pessoa realizar-se da maneira mais profunda como também pode ser um foco destrutivo e mórbido da sua vida.” (CAPELATTO,1999,p.244). Assim, é na relação com a família que a criança, nasce e cresce e depende boa parte dela para que tenha o sucesso desejado, criando a criança, incentivando e projetando um futuro promissor para ela.

Essa discussão está presente nas academias, bem como nas paredes de boa parte das escolas, onde esta problemática tem se acentuado a medida que os anos passam, que as crianças crescem, que evoluem de nível, assim presumem um planejamento que com qualidade possa dar soluções



desejadas, promovidos por educadores de toda parte, visando o bom rendimento de seu alunado. Neste contexto, momentos de estudo e tempo dedicado são importantes vetores que participam da atividade de ação e reação para que haja qualidade nas pesquisas, contribuindo com a sociedade, bem como estudos vindouros a cerca da temática.

A relevância deste é tentar encontrar soluções cabíveis, para que as relações família e escola não possam enfraquecer dentro deste cenário confuso e repleto de transformações, de uma sociedade que urge em acabar com os valores morais e afetivos, buscando incutir na vida das pessoas que a tecnologia, o trabalho exagerado, a busca de melhorias e o consumismo exacerbado é o que temos de mais importante e que a falta de interesse de pais para com os filhos e vice versa é apenas um reflexo deste modelo, dito moderno que vivemos.

Metodologia

A pesquisa foi de caráter exploratório, quanti-qualitativo, onde foram questionados pais e mães de uma escola na rede privada da cidade de Campina Grande, Centro Educacional Moderno, que conta com o nível infantil e Fundamental 1. Foram aplicados dois tipos de questionários com perguntas subjetivas a fim de investigar como boa parte dos pais acompanham os filhos no processo escolar, questionando um possível distanciamento dos mesmos nos eventos da escola, bem como qual o motivo pelo qual, o mesmo acontece a medida que os filhos crescem ou evoluem de nível na escola.

Fundamentação

O mergulho na investigação do desenvolvimento histórico nos permite afirmar que desde os primórdios existia família, e os cristãos, religião predominante no Brasil, costuma-se dizer que a primeira família a se consolidar está registrada no livro de Gênesis, na Bíblia Sagrada, Adão e Eva, como sendo o primeiro homem e a primeira mulher de que se tem registro para eles, viviam sós, nus, sem estereótipo perfeito, sem se preocupar com as dificuldades que um dia poderia ocorrer, por conta de uma desobediência a Deus ele conheceria o cansaço do trabalho e a fadiga e ela a dor de parir filhos, esse assim já era um processo que já estava consolidado e que seria a vocação de ambos o qual perpetua até os dias atuais. Assim vieram os seus primeiros filhos, Caim e Abel, nascidos respectivamente nessa ordem, e após ser dada uma oferta a Deus, em que um fora aceita de bom grado e o de outro o Senhor o rejeitou, tem-se o relato do primeiro homicídio narrado na história do mundo encontrado na bíblia sagrada.



Essa particularidade emblemática salta como marco ao longo dos surgimentos das relações conflitantes dentro das primeiras famílias consanguíneas que se tem relato, ladeando outros atributos que a torna como tendo relacionamentos de bolso como afirma Zygmunt Bauman, (2004) aquele tipo de relacionamento que se pode dispor quando é necessário e que depois pode torna-lo a guardar. (BAUMAN, 2004, p.23).

Depois deste poderíamos caminhar mais um pouco pela história em meados dos séculos XVI, XVII e XVIII, para destacar que as famílias desse período se importavam mais uns com os outros, que se dedicavam em aprender as histórias de família, ensinavam uns aos outros as profissões para serem repassadas, as crianças eram educadas pelos pais e mães dentro de casa, bem como pelos mais velhos, pois o respeito era muito grande entre eles. Hoje podemos afirmar que o modelo de ensino tem sido movido por autoridade e autoritarismo, ou até mesmo modelos de que a criança é o “reizinho” e que precisa satisfazer as necessidades do mesmo.

Flandrin, (1994) destaca que “A família tronco estava enraizada numa casa que possuía em propriedade plena e que transmitia de geração em geração. Essa casa simbolizava a família e perpetuava-a. O pai de família transmitia ao sua morte o filho mais velho, o herdeiro. Mas ainda em vida, já associava esse herdeiro a gestão da empresa familiar, ensinava-lhe os segredos da profissão, casava-o dentro de casa e via assim crescer e multiplicar-se sua descendência.” (FLANDRIN, 1994, p. 61).

Sabemos que o entendimento dos nossos antepassados era essa compreensão no que diz respeito a sua formação e estruturação. Hoje os filhos não querem mais sair da casa de seus pais, acabam tendo filhos fora e trazendo para dentro das mesmas casas, para que estes possam ser também sustentados, e ai acabam que vai gerando pensões em cima de pensões, as mulheres por vezes vão também para casa dos pais e acaba que aqueles lares de famílias nucleares, estruturados, com pai, mãe e filhos, se desvincula mais uma vez e traz os modelos das famílias ampliadas.

Philippe Ariés (1981) ressalta que: “é a partir do final do século XVIII que a família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos.” (p.6). Só assim foi que os pais começaram a se interessar pelos seus filhos e passaram de fato a se organizar em favor deles. Foi exatamente nessa época que surgiu a dita família moderna caracterizada pelo o cuidado do casal



com os filhos, se desvirtuando mais da coletividade, do social, em que toda a atenção é voltada para todas as crianças.

[...] a família acabava de se reorganizar em torno da criança e erguia entre ela mesma e a sociedade o muro da vida privada. A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo e da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade, e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento e costume e o gênero de vida. (ARIÉS, 1981, p. 195).

E aí os conceitos são cercados de controvérsias, principalmente quando se trata de modelo familiar, certo ou errado, as famílias passam por momentos que nem elas mesmas sabem no que acreditam, nem o que vai perdurar, pois a sociedade é que os molda.

A sociedade inculca nas pessoas como elas devem se vestir, como devem agir e falar, como elas podem se comportar em meio as diversas situações da vida a dois, a três, a dez..... e por aí vai, e nesse modelo, alheio as polêmicas, podemos ver que em alguns momentos ganham-se de um lado e perdem-se do outro, as tecnologias digitais vem com uma força que não conseguimos mensurar, a cada dia são lançados aparelhos digitais, tecnologias virtuais para entretenimento e necessidade das pessoas.

O casamento tardio dos filhos, os pais super protetores, o medo de uma sociedade violenta, onde fazem de tudo para que os filhos não saiam de casa, o desmame cada vez mais lento, onde têm mães que preferem ter o filho no peito até seus três anos, porque o infante ainda é muito bebê, a cobrança dos amigos para que o filho de desprenda, o homossexualismo a flor da pele, que deve ser respeitado e que os próprios pais não aceitam.

Os modelos familiares que se tem notícia hoje ainda promove uma grande luta entre os antigos, descendentes de uma sociedade mais justa e mais cheia de respeito, pois assim que falam, onde o que estava em jogo era o cuidado para não “manchar” o nome da família. Era o período patriarcal que moldava boa parte das pessoas, onde os pais eram os machões, que colocava o sustento na casa e as mães por outro lado, dava o amor e o cuidado necessário aos filhos. Nas palavras de Rose Marie Muraro (2007),



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Na cultura patriarcal, a violência masculina, raiz da corrupção, das fraudes e das guerras, vem do medo que o homem tem do amor, da sensibilidade, da emoção, que ele pensa que o tornam mais feminino, ou seja, mais frágil, um perdedor... Nunca existiu democracia no mundo patriarcal, exatamente porque era impossível ao homem, dentro da família, o exercício do amor.” (MURARO, 2007, p 73 -74).

As Famílias, principalmente brasileiras, embora ainda com bastante discursos sobre o tema em questão apresenta problemas como os que foram mencionados até o presente momento, entre estes, saltam aos olhos as dificuldades relacionadas a comunicação e relação entre pais e educadores, devido a uma forte demanda de trabalho por parte dos pais que geralmente acaba fazendo com que haja a evasão no ambiente escolar, marcando o cotidiano de boa parte das escolas, são discursos unânimes que permeiam, pelo menos com a maioria dos professores que foram conversados durante o estudo em questão, disputando o espaço com vários outros temas da atualidade.

Os pais sem tempo para os filhos, os conflitos gerados entre eles e os educadores, a indisciplina e a falta de comprometimento por parte das crianças, o desrespeito as regras da escola, transtornos devido a falta de instrução dos professores, que por muitas vezes não sabem como ajudar a família para resolver esses questionamentos, apenas apontam mas não sabem dar a solução, são problemas corriqueiros que acrescentam aos tempos, deixando com que fiquem situações constrangedoras dentro dessa relação.

A família busca de forma desenfreada o “ter”, ou seja, eles almejam todos os dias o conforto dos filhos, o material, que é sustenta-los da melhor forma para que não lhes faltem absolutamente nada, mas se esquecem de propiciar aos mesmos, o básico, que é o acompanhamento pedagógico, mesmo que este seja um acompanhamento informal, por sabermos que nem todos os pais possuem a capacidade suficiente para acompanhar seus filhos, mesmo assim procuram em suas condições colocar as crianças na melhor escola, para que esta supra suas necessidades.

Com efeito, não se tem nem um diálogo do que teve no dia de ambos, quem dera avaliar uma atividade de casa, o que acaba que muitas crianças voltam a escola no dia seguinte com as atividades ainda para serem realizadas e quando interrogadas pelo professor acabam por dizer que os pais não tiveram tempo para ensina-las, o professor por sua vez querendo questionar a família, envia comunicados por agendas para que os pais compareçam na escola, o que na maioria dos



casos acontecem que não aparecem e quando acaba atendendo o chamado, a culpa é sempre da escola, que manda muitas atividades, que a criança não consegue acompanhar, que ele o pai ou a mãe não tem tempo para isso, e que o nível da escola está muito alto para o filho.

Uma hipótese que podemos destacar é que a falta de tempo para dedicar-se aos filhos não se deve tanto a um trabalho árduo, mas na falta de prioridade que os pais dedicam aos mesmos. Os filhos pequenos ainda não correspondem plenamente aos anseios dos pais, mais é nessa fase que os mesmos necessitam de mais cuidado e atenção.

Sabemos que quando há um envolvimento maior dos pais na vida escolar dos filhos, é comumente visto o sucesso principalmente no desenvolvimento cognitivo dos mesmos, nota-se que aquelas crianças que mais possuem dificuldades na escola, são aquelas em que seus pais estão mais ausentes, ao observar e ao entrevistar alguns pais nos foi mostrado uma dificuldade em cumprir o que deles é esperado. Aquilo que a escola prescreve tem se tornado uma barreira para alguns, a postura de cada um sempre foi na defensiva, e uma minoria que se mostrou de forma crítica, ponderando as palavras, mostrando que a conversa foi um tanto importante, uma vez que possibilitou a fala compartilhada de alguns de seus dramas.

Assim podemos perceber que esse modelo familiar, que não se preocupa com o desenvolvimento escolar, que não percebem como isto tem influenciado na vida de seus filhos, tende a aumentar ainda mais, pois a distância que os pais possui com a escola e com o conhecimento formal que a escola pede que ele tenha para acompanhar as crianças é uma meta que eles não estão dispostos a alcança-las

Um dos principais pontos observados nas conversas com os pais é que as crianças não querem vir a escola, e não sabem a que se dar essa rejeição por parte das crianças. Digam – se de passagem que algumas dessas crianças das quais os pais foram questionados estão na faixa etária de 6 e 7 anos de idade, pudemos ouvir relatos como este “ ele cria pavor, quando chega a hora de ir a escola, se treme, não quer entrar no carro, porque ele quer ficar comigo, ele tem medo que eu vá embora ou morra”, este foi uma relato dito por uma mãe de uma criança na idade de 7 anos, quando perguntado o que o pai pensa sobre esse fato, ela relata que o pai é pior do que ela (a mãe) que chora com a criança, e que não quer deixa-lo mesmo vir a escola, enquanto que a mãe o traz e fica na escola durante todo o período escolar para que a criança não se sinta insegura.



Com o relato acima podemos nos remeter a Dontelli, que apoiado em Ariés destaca o amor incondicional dos pais com relação aos filhos e podemos perceber que este ainda é um conceito bem recente. Assim observamos que esse é um sentimento encontrado muitas vezes dos pais contemporâneos, por causa de uma culpa desmedida por não poderem estar perto dos filhos como deveriam, acompanhando seu crescimento e desenvolvimento. Deixando assim aflorar os dois sentimentos de forma concisa, o amor e a culpa, com isso acabam protegendo demais seus filhos, deixando-os mimados e extremamente dependentes.

Assim diante disso os pais, por se sentirem culpados de estarem ausentes dos filhos, acabam oferecendo-lhes presentinhos como acordo para ficar na escola, mimos para não chorar, um lanche que eles amam para não fazer “birra” no supermercado, e uma série de fatores que colaboram para termos crianças com comportamentos dos mais diversos em salas de aula, descomprometidas com os estudos e querendo “acordo” “prêmio” em troca de deveres e obrigações que suas faixas etárias espera.

Donatelli, 2008 afirma que:

A ausência de papéis definidos entre homens e mulheres permite que o vazio moral seja um adjunto na confusão vivida dentro de casa. Uma existência voltada para o acúmulo material, antes de ser uma vida para a construção de um legado, torna-se um dever enfadonho de juntar coisas, e não de agregar sujeitos. (p.79).

Esse é um dos principais causadores das dificuldades na aprendizagem, a insegurança passada de pais para filhos, e o enfraquecimento da autoridade dos membros da família. A decisão da criança não querer ir a aula, sendo ela de apenas sete anos, não é um problema apenas dela, mas está relacionado intimamente com a relação dos pais com ela. É possível ver que quando os pais não possuem, uma capacidade intelectual segura, capaz de mostrar para a criança que ele é capaz de estar segura mesmo sem sua proteção, assim é possível notar um ciclo problemático nessas relações o qual afeta completamente o desempenho escolar.

Pesquisas mostram que pais que demonstram mais atenção com as questões escolares dos filhos, que vão a eventos pedagógicos e acompanham as reuniões influenciam muito positivamente na vida escolar dos mesmos fazendo com que obtenham excelentes resultados. Marques afirma que:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O desenvolvimento e a educação da criança depende sobretudo do esforço comum das esferas sobrepostas que constituem o mundo da criança. Quando estas esferas comunicam e se relacionam de forma positiva, cria-se um ambiente ecológico favorável ao desenvolvimento. Quando estas esferas estão de costas voltadas, perseguem objetivos opostos ou comungam valores conflitantes, estamos perante um ambiente que dificulta o desenvolvimento da criança. (MARQUES, 2002, p.3).

Sendo assim estudar a relação família escola, não é tão simples como se pensa, precisamos entender os fracassos escolares das crianças, deixando de lado os estereótipos e entendendo que cada família possui problemas específicos e que esses interferem na relação escolar porque são carregados de efeitos negativos que fazem com que as crianças acabem assimilando que os pais não possuem uma relação satisfatória com aquela instituição que eles passam boa parte do seu tempo.

Por outro lado, sabemos que a escola também tem muitas vezes seu papel de culpa nessa relação, é bem verdade que os educadores se queixam de estarem sobrecarregados, e lhe incutirem responsabilidades que não lhe cabem, e os pais por sua vez, se queixam de que seus filhos não estão recebendo a educação e o ensino necessário que eles almejam, se a escola não está preparada é necessário repensar esses conceitos e não apenas culpar a família, por isso há o descaso e a defasagem que vem ocorrendo na ausência dos pais na escola. A escola deve repensar um meio de trazer a família mais para perto de si.

Cabe também à escola como um todo criar situações, eventos, rodas de conversas, plantões com profissionais capacitados para trabalhar aspectos vistos como problemas, pensar em propostas criativas para que os pais se interessem mais pela vida escolar dos filhos, dar-lhes sugestões, promover palestras educacionais e motivadoras de que é possível obter resultados positivos, tentar convencê-los que o ensino pedagógico não se faz só e que precisa de uma interação contínua e duradoura entre os sujeitos. Marques (2002) ressalta que:

Professores esperam que haja continuidade de valores e atitudes entre a escola e os lar e quando isso não acontece tendem a culpar as famílias, acusando-as de falta de interesse na educação dos filhos, e falta de cultura. [...] notou-se um uso persistente e continuado, em todas as escolas, de forma de comunicação negativas, que deitam as culpas aos pais pelo fracasso dos filhos e que acentuam os problemas escolares. (MARQUES, 2002, p.3).



Diante de tudo o que foi discutido, muitos estudiosos afirmam e enfatizam que deve haver urgentemente uma necessidade da escola se unir as famílias dos alunos, procurando estabelecer uma parceria mútua com os mesmos, permitindo a quebra de preconceitos vindo da mesma com a família, seja qual for o motivo e tentando buscar meios para que as famílias possuam uma compreensão maior, com o papel da escola, e o que lhe cabe fazer, entendendo que a base da educação está em casa, a escola se une a família para favorecer e potencializar a capacidade cognitiva da criança.

Considerações Finais

O crescimento dos questionamentos das relações família\ escola e as suas novas imbricações tais como a descontinuidade de uma relação que a cada dia se refaz, exigem uma maior atenção que só será possível com planejamentos que antecipem principalmente essa continuidade de valores existentes entre a escola e as famílias.

O mergulho em uma investigação social, remontando os caminhos do seu desenvolvimento nos mostra uma instituição que se formou em torno de um bem comum que é a educação e estabeleceu mais do que se esperava objetivando as demandas referentes às necessidades que surgiam, geralmente com o intuito de facilitar a ligação entre o educacional, o social, o psicomotor e o cognitivo, sem grandes preocupações prospectivas. Esses problemas que hoje são mensurados passavam despercebidos antes, pois cumpriam a sua finalidade de forma mais satisfatória.

A escola, ao seguir seu rumo de desenvolvimento, consolidava a relação com a família como ponto vital do seu processo educacional e lhe atribuía poder de atração cada vez maior.

Caminhando como que lado a lado, enquanto a sociedade elevava seu caráter polarizador das atividades e serviços, o número de crianças com dificuldades na escola, e com falta de acompanhamento dos pais cresce rapidamente. Configurando um cenário onde a estrutura primordial, a base que se firma no primeiro momento da infância logo daria sinais de saturação, visto que não absorveria satisfatoriamente a elevação da defasagem dos pais e a escassez com que tratam as questões escolares dos filhos..

Notou-se também que à medida que as crianças evoluem de nível boa parte dos pais se distanciam sim, o fato é que muitos ainda desconhecem essa realidade e passou a perceber e a afirmar quando foram questionados na pesquisa, e afirmam as situações mais diversas, e a mais



célebre é a que a criança já sabe andar com as próprias pernas, e que não precisam mais que pais e mães fiquem o tempo todo ao seu redor. Neste contexto surge a necessidade de estabelecer uma nova realidade ao Ensino fundamental e médio, que se apresenta distante de uma condição satisfatória de qualidade.

A falta de tempo dos pais, o trabalho exacerbado nos dias atuais não pode ser apontado como a principal causa da defasagem dentro da escola, não pode ser apontado como desestímulo ao não ir a escola, ou não se preocupar a estar atentos as atividades escolares dos filhos.

Ao observar afirmações descritas por uma boa quantidade de pais, que querem estar presente e se culpam por não ter essa oportunidade, embora que muitos não usem do esforço necessário para isso, é importante ressaltar que há sim o desejo por parte deles de estarem perto dos seus filhos, e que o sentimento de culpa é notável na maioria deles, fazendo com que mimem as crianças com recompensas obtendo o estímulo resposta. Fica então a grande dúvida se estudos como este chegarão a serem executados ou, mais uma vez serão afogados no mar do esquecimento das não ações da sociedade no geral.

Por fim, a aplicação de um planejamento eficaz passará sempre pela percepção do conhecimento e do desenvolvimento refletido no acompanhamento escolar e no entendimento do seu teor que perpassa o triangulo norteador da aprendizagem, escola, família e criança para um processo de ensino aprendizagem eficaz.



Referências

ARIÉS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro. 1981

BAUMAN, Zygmunt, 1925 – **O amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

CAPELATTO, Maria Helena Rolim. **A Propaganda no Varguismo e Peronismo**. Tese de livre docência, São Paulo, 1999

FERRY, Luc. **Famílias, amo vocês**: Política e Vida Privada na Era da Globalização: Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FLANDRIN, Jean Louis. **Famílias**: Parentesco, Casa e Sexualidade na Sociedade Antiga. Lisboa: 1ª ed., 1994.

MARQUES, R. **Professores, Família e Projeto Educativo**. Coleção: Perspectivas Atuais em Educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2002.

MURARO, Rose Marie, **Educando meninos e meninas para um mundo novo**. Rio de Janeiro: ZIT, 2007.